

Centro Ruth Cardoso
Ciclo Juventudes
Comitê Política e Juventudes
Movimentos de renovação política – Reunião 2

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Movimentos de renovação política – parte 2, realizado em 26 de outubro de 2021, no âmbito do Comitê Política e Juventudes.

Pessoas que pesquisam o tema interessadas em ter acesso ao registro audiovisual completo do debate podem entrar em contato pelo e-mail: crc@centroruthcardoso.org.br.

CONVIDADOS

- **CÁSSIA MARQUES:** com trajetória nos setores público e privado, é gerente de Desenvolvimento Institucional da Rede de Ação Político pela Sustentabilidade (RAPS);
- **IRINA BULLARA:** é diretora-executiva do RenovaBR. Atuou na área de finanças e desenvolvimento de negócios;
- **MAGNO KARL:** é cientista político e diretor-executivo do Livres, movimento de renovação política liberal;
- **JOSÉ LUIZ LIMA** (mediação): atuou por trinta anos em instituições financeiras internacionais. É assessor do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, consultor da Fundação FHC e conselheiro de organizações da sociedade civil. É membro do Conselho Consultivo do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- A que se propõem os movimentos de formação e renovação política?
- Como esses movimentos atraem os jovens?
- Como se dá a relação entre os movimentos de renovação e os partidos políticos?

- De que maneira a formação oferecida pelos movimentos trabalha o desenvolvimento das habilidades relacionais e dos saberes tácitos fundamentais para a atuação na política institucional?
- Para além de qualificar indivíduos, de que forma os movimentos pensam a qualificação das estruturas políticas, como os partidos e o próprio Congresso Nacional?
- Diante de um fazer político que hoje se mostra muito vinculado à defesa de direitos, como os movimentos dialogam com a construção de projetos políticos mais abrangentes para o Brasil?

DEBATE

MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO E RENOVAÇÃO POLÍTICA

- Três experiências:
 - Livres: criado em 2016 como um movimento de renovação do Partido Social Liberal (PSL), com o objetivo de afastá-lo da condição de partido fisiológico em direção a um posicionamento de fato conectado com as ideias e os valores do liberalismo social. O grupo conseguiu se consolidar internamente, chegando a gerir a fundação partidária, diretórios estaduais e a comunicação do PSL, até que Jair Bolsonaro filiou-se à sigla no início de 2018, o que motivou a saída dos integrantes do Livres. Diante da fragmentação partidária nacional (em que um mesmo partido pode ser completamente diferente entre um estado e outro), membros do grupo que desejavam concorrer a cargos eletivos em 2018 acabaram se distribuindo entre diversas legendas, tornando o Livres um movimento multipartidário. Hoje, o grupo possui cerca de 4.500 associados, dos quais 35 cumprem mandato por 11 partidos diferentes. O Livres trabalha três eixos: a política partidária, por meio da participação em audiências públicas e da produção de material técnico sobre matérias em tramitação para envio a parlamentares e seus gabinetes; o debate público, por meio da interlocução com a imprensa; e a formação política de novos quadros no pensamento liberal;
 - Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS): organização apartidária e sem fins lucrativos fundada em 2012, visando melhorar a qualidade da democracia brasileira e tornar o desenvolvimento sustentável prioridade na agenda dos agentes políticos, independentemente da sua orientação político-ideológica. Para tal, a RAPS se dedica, de um lado, ao preparo de potenciais candidatos para ciclos eleitorais e, de outro, ao apoio e desenvolvimento de lideranças políticas no Executivo e no Legislativo via *workshops*, elaboração de notas técnicas sobre matérias em tramitação, acesso a um banco de boas práticas, entre outras estratégias. Uma vez que trabalha com líderes em diferentes estágios da vida política – desde pessoas recém-eleitas até aquelas com mais experiência na política institucional –, a organização não se coloca como um movimento de renovação em sentido literal. Hoje, a RAPS tem em sua rede 753 pessoas, das quais

em torno de 230 ocupam cargos eletivos. No Congresso Nacional são 45 membros (entre deputados federais e senadores), o que corresponde a cerca de 8% do parlamento. Em termos partidários, há representantes de 29 das 33 siglas;

- RenovaBR: escola de formação política criada em 2017, voltada para pessoas que nunca tiveram cargos eletivos e que desejam participar da política institucional (ainda que o aluno não seja obrigado a se candidatar ao final do ciclo formativo). O curso oferecido se apoia em três pilares: políticas públicas baseadas em evidências, liderança (o que inclui conteúdos sobre autoconhecimento) e comunicação política. Até o momento, o RenovaBR formou três turmas de alunos, escolhidos via processo seletivo *on-line*. Com 133 pessoas, a primeira turma foi 100% presencial. Já a segunda buscou expandir o acesso aos mais de 5 mil municípios brasileiros, adotando uma metodologia *on-line* que contemplou 2 mil pessoas – destas, mil se candidataram e 154 foram eleitas. Por fim, a turma atual conta com 150 alunos, visando promover a convivência entre eles. O modelo educacional do RenovaBR passa por adequações com base em dados internos, matrizes socioemocionais e outras estratégias de medição de aprendizado, assim como o processo seletivo, que foi reformulado para medir não conhecimentos, e sim habilidades consideradas fundamentais para um bom político: disponibilidade para aprender, disposição para dialogar, capacidade de comunicação e negociação, entre outras.

“Dentro do processo seletivo, nós criamos rubricas para algumas atividades. Você se inscrevia no Renova[BR] e a primeira fase era de conhecimento. A gente mandava pílulas de dois minutos pelo WhatsApp – porque todo mundo tem WhatsApp –, explicando coisas simples: os três poderes, a diferença entre eles etc. E aí, a pessoa tinha que responder um questionário. Não importava se estava certo ou errado, ela só tinha que completar. O que eu estou medindo aí? Estou medindo uma habilidade sobre ela, e não se ela sabe ou não dos três poderes. Eis que de 14 mil inscritos, 10 mil ficaram nessa fase. As pessoas não completaram. Elas não tiveram a curiosidade de assinalar [uma alternativa]. [...] Por fim, fizemos uma imersão em que a gente colocava as pessoas de modo aleatório em grupos de cinco e elas tinham que fazer uma petição. E a gente não fazia nada. Demos uma aula, observamos e abrimos um canal de denúncia. Só. O que as pessoas acharam? Que era sobre o maior número de votos na petição. Mas não era. Era sobre como elas trabalhavam entre si e se estavam dispostas a aprovar projetos que elas eram contra. Nós conseguimos ir medindo tudo isso.” – IRINA BULLARA

- Ainda que tenham estratégias e objetivos distintos, as iniciativas apresentadas compartilham:
 - Da premissa de que a partir da qualificação dos agentes políticos é possível melhorar a democracia brasileira;
 - Da aposta no diálogo e na construção de consensos entre pessoas dos mais diversos espectros políticos para que sejam pensadas soluções de longo prazo para o Brasil (ainda que o Livres, ao contrário do RenovaBR e da RAPS, tenha uma orientação ideológica definida);

- Da ênfase no uso de dados, evidências e referências qualificadas para orientar o desenho de políticas públicas e a tomada de decisão pelas lideranças políticas.

"A capacidade de dialogar entre as diferenças e entre os diferentes é um esforço que vem sendo feito desde o início. Esse esforço da construção de consensos, de extrair, apesar das diferenças, aquilo que é primordial e que deve ser colocado à frente em determinadas discussões e agendas. Isso é algo que tomamos com bastante seriedade e prioridade." – CÁSSIA MARQUES

"Quando nós falamos de renovação, não é só renovação de pessoas. Porque, se a gente for olhar o número de renovação do Congresso, ele foi alto na última eleição. Mas [falamos de] uma renovação das práticas. E para nós, a renovação está lincada a três pilares básicos que podem parecer bobos, mas hoje são temas urgentes: a democracia, a ética e o diálogo. A partir daí, nós conseguimos consorciar, conseguimos conviver e com certeza vamos conseguir achar as soluções para os problemas estruturais do país." – IRINA BULLARA

- “Somos parte de uma rede”: é comum que pessoas associadas a um movimento façam parte de outro;
 - Exemplos: integrantes do Livres que são instrutores no RenovaBR; ex-alunos do RenovaBR que são membros da RAPS.

"Mesmo que pensem diferente, quando você olha as relatorias dos projetos [no Congresso Nacional], normalmente aquelas pessoas que se encontraram ou se conheceram na RAPS, no Renova[BR], acabam tendo mais disposição para trabalhar juntas. Porque, como diria Michelle Obama, é muito difícil odiar de perto." – IRINA BULLARA

- Pontos de reflexão: qual é a definição de um bom político? Como criar critérios objetivos para fazer essa avaliação e desenvolver modelos formativos que garantam tal qualidade?

“EVENTUAIS SUBSTITUTOS” DE PARTIDOS POLÍTICOS?

- Atribuições e intenções dos movimentos de formação e renovação política costumam gerar dúvidas ou mesmo desconfianças nos partidos;
 - “A gente quer ser ponte”: não há a intenção de substituir os partidos, e sim estabelecer interlocuções e facilitar caminhos para pessoas – inclusive jovens – que têm interesse na política institucional, mas não encontram lugar na estrutura partidária;
 - “Cada instituição da sociedade civil tem uma função”: com a entrada em cena de novas figuras que tensionam e alteram as dinâmicas políticas, é natural levar tempo até que as relações se reorganizem e cheguem a um espaço de colaboração;

- Nem sempre há conflito: diversos membros e/ou alunos das iniciativas apresentadas ocupam cargos de liderança em partidos políticos.

“Hoje, nós temos interlocução com a maior parte dos partidos. É algo que a RAPS sempre se propôs a fazer em termos de relacionamento, uma vez que não quer se colocar na posição de uma organização que busca substituir os partidos, muito pelo contrário.” – CÁSSIA MARQUES

“É preciso lembrar que, com raríssimas exceções, os partidos políticos brasileiros são organizações-fantasma. Isso não quer dizer que eu não veja neles um papel fundamental na nossa democracia, como eles têm um papel fundamental em todas as democracias consolidadas do mundo. Mas a realidade é que, dos 33 partidos registrados, 30 são instituições-fantasma. Eu acompanho política desde criança e não me lembro qual foi a última vez que ouvi um convite para uma reunião aberta de partido. Onde os partidos imaginam que vão encontrar jovens e pessoas não tão jovens que são novos entrantes no mundo político? Eu não sei. Talvez em seus filhos, esposas, maridos, ex-assessores, que é como a gente vê chegarem as novas caras da política. Porque hoje, infelizmente, os partidos são organizações fechadas para a sociedade. E aí, os novos entrantes, aqueles que se interessam pela política, encontram em nós, em todas as organizações aqui representadas, uma porta de entrada para o mundo da política.” – MAGNO KARL

“Nós tivemos um número de candidaturas que converteu em 154 pessoas eleitas. São pessoas novas, elas nunca estiveram lá. E isso não significa que quem está lá não é bom. Não é isso. Não tem nenhum tipo de rótulo, pelo contrário. O que nós queremos é de fato facilitar um acesso que hoje é difícil para as pessoas que têm essa vontade. E o acesso é difícil porque é natural que ele seja, faz parte. O mundo está mudando e a gente tem que se adequar às necessidades do jovem, como ele quer se comunicar, como ele quer participar, que não necessariamente [é por meio de] uma candidatura, mas estando próximo de assuntos que fazem sentido para ele, uma formação em advocacy, tem mil maneiras. O mundo está mudando muito rápido, então o Renova[BR] chega nesse contexto de mudança, de uma necessidade de participação.” – IRINA BULLARA

- De que maneira os movimentos buscam incidir não só em indivíduos, mas também em estruturas políticas?
 - Advocacy como um caminho importante de influência sobre as decisões das lideranças políticas;
 - Em termos gerais, no entanto, instâncias como partidos políticos e o próprio Congresso Nacional se colocam de modo tão apartado da sociedade civil que se torna difícil agir sobre elas.

“Os caminhos para a atuação direta nessas instituições são um pouco bloqueados para nós por algumas razões. Por exemplo, os partidos políticos têm pressupostos que nós não conseguimos contestar. Eles têm papel reservado na democracia, comportam-se quase

como organizações privadas quando é interessante, e quando não é eles são superagarrados no Estado, principalmente no bolso. Então, nossa relação não é muito fluida. Nossa papel enquanto organização da sociedade civil fica restrito a dois pontos: a gente pode trabalhar para levar mais pessoas a se interessarem pela política institucional, democratizar essas instituições, falar mais sobre elas, fazer com que sejam mais vivas – e aí é um caminho que tem muito desejo, muito wishful thinking –, e há o caminho da justiça. Se tem algo acontecendo, nós podemos nos juntar a outras organizações, entrar na justiça e tentar parar. Mas a distância dessas instituições para as organizações da sociedade civil é tamanha que a gente faz o que pode, e nesse momento o que podemos fazer é – talvez até numa coisa um pouco quixotesca – tentar democratizar pela via do povo, trazer pessoas e trazer atenção para olhar para isso, porque de fato uma atuação mais direta [sobre as estruturas políticas] é muito difícil na atual conjuntura.” – MAGNO KARL

“Do lado dos recursos, os partidos se estatizaram; do lado das responsabilidades, eles sentam em cima da sua autonomia como uma sociedade de direito privado. Se você não tirar os caras dessa zona de conforto, não tem jogo. Não tem jogo. Se eu recebo essa barafunda de dinheiro controlada pelas oligarquias partidárias, por que eu vou abrir as portas? Por que eu vou buscar trazer gente nova?” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“Por mais que seja um trabalho de formiguinha, partidos são pessoas. A gente pode chamá-los de ‘instituição’, mas quando a gente espreme, chega a umas dez pessoas. Quem sabe se tivermos outras pessoas, a gente possa ter outros tipos de diálogo.” – IRINA BULLARA

E AS JUVENTUDES?

- Jovens têm manifestado uma série de preocupações em temas como economia e meio ambiente, sem que recebam das lideranças políticas uma resposta efetiva;
 - “Nem-nem”: 25% das juventudes no Brasil não estudam nem trabalham;
 - Em uma pesquisa internacional, 50% dos jovens brasileiros afirmaram considerar não ter filhos por causa das mudanças climáticas.

“Não é possível que a gente tenha políticos ocupando cargos públicos e tomando decisões por nós que não tenham em mente aquilo que a juventude vem reiteradamente dizendo. A mudança do clima é um caso emblemático. Temos visto as cobranças de uma juventude que está cada vez mais consciente do seu papel, que sabe que já herdou um planeta diferente daquele que seus pais herdaram e que [sabe que] certamente seus filhos terão uma condição ainda pior – por isso, inclusive, [os jovens] consideram não ter filhos.” – CÁSSIA MARQUES

- “Falar a linguagem deles”: importância de adotar uma comunicação política que engaje as juventudes e que chegue a mais lugares, compreendendo a diversidade e a desigualdade características do país;
 - Participação dos jovens é capaz de potencializar novas formas de fazer política, como os mandatos coletivos;
 - Renovação política enquanto caminho para construir possibilidades de futuro e oferecer esperança, em especial para as novas gerações.

“Eu brinco que não há ninguém que me convide para um café, um congresso, uma palestra que eu não vá. E às vezes eu sou bem recebida, às vezes não. Às vezes são conversas difíceis. Você fica ali, respira e continua dentro do seu propósito. Porque a renovação não é das pessoas. Não é porque alguém é ruim e outra pessoa é boa. A renovação significa que a gente precisa de esperança. Nós discutimos muito internamente: o que significa renovação? E a nossa conclusão foi que significa esperança. As pessoas têm que ter esperança de um Brasil melhor, de que elas vão conseguir um prato de comida, um emprego, de que vale a pena ficar aqui.” – IRINA BULLARA

- Ponto de reflexão: em que medida os movimentos de formação e renovação política encaram a tarefa de pensar projetos de país mais abrangentes e de longo prazo?

“Temos feito várias discussões no Centro Ruth Cardoso e se constata uma opção nítida pela defesa de direitos, ou seja, um fazer político estritamente colado à defesa de direitos. Por um lado, é interessante do ponto de vista do impacto imediato em questões locais, na vida do cidadão. Por outro lado, há um desligamento e um afastamento de projetos maiores, de projetos de país que, bem ou mal, vêm pela via dos partidos. Sinto que acaba ficando muito na política miúda, não em um sentido pejorativo, mas [em termos] da política mais local, de questões imediatas.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“A gente achar que, porque somos uma escola, temos algum controle sobre como as pessoas pensam ou como vão agir uma vez que forem ou não eleitas é só uma grande ilusão. E uma vez que eu apresente um projeto de país, eu me descaracterizo como uma instituição de ensino. Aí, a gente começa a mudar um pouco o que é nosso objetivo de ser. Talvez daqui dez anos, mas hoje não é onde estamos atuando.” – IRINA BULLARA

“Concordo com o diagnóstico de que falta debate sobre um projeto de país. Eu adoraria estar discutindo esse tema, adoraria que o Livres estivesse 100% envolvido num debate de projeto de país, mas nós estamos discutindo se o resultado da eleição de 2022 será respeitado ou não pelo presidente da República. O Brasil infelizmente tomou uma via lateral da estrada que parecia estar tomando. Com seus percalços, nós estávamos construindo uma via bastante segura de fortalecimento da democracia, com eventuais processos de impeachment. Mas este momento se tornou uma defesa quase literal da democracia do processo eleitoral, e isso inevitavelmente nos descola um pouco das discussões que gostaríamos de ter. A gente deveria estar discutindo educação, saúde,

emprego, mas precisamos discutir que os resultados das eleições de 2014 e 2018 foram exatamente aqueles que o TSE [Tribunal Superior Eleitoral] anunciou. Torna-se muito difícil uma discussão sobre projeto de país quando a gente se vê sequestrado para um debate que seria absolutamente surreal há dez anos.” – MAGNO KARL

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- *Juventudes, educação e trabalho: impactos da pandemia nos nem-nem*, pesquisa realizada pela FGV Social (2021): <https://bit.ly/3iep5WE>
- Livres, movimento de renovação política liberal: <https://bit.ly/3kS6cuV>
- “Mudança climática afeta decisão de jovens brasileiros sobre ter filho, diz pesquisa internacional”, matéria do portal *BBC News Brasil* (14 de setembro de 2021): <https://bbc.in/3tfV3rF>
- Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), iniciativa de formação de lideranças políticas: <https://bit.ly/3ARuJ93>
- RenovaBR, escola de formação política: <https://bit.ly/3sgvyGt>